

Seleção Brasileira de Futebol – a performance na comunicação¹.

Luciano Victor Barros Maluly²

Resumo

Apesar dos esforços dos comunicadores da chamada Grande Mídia, a imagem da Seleção Brasileira Masculina de Futebol esteve desgastada nos últimos anos, em especial, após a conquista do Pentacampeonato na Copa do Mundo de 2002, realizada no Japão e na Coreia do Sul. Diversos fatores contribuíram para o afastamento do torcedor, entre eles, a realização de amistosos *caça-níqueis* no exterior, a convocação de atletas e treinadores desconhecidos do público, entre outros fatores que atingiram o desempenho da equipe. O técnico da última conquista era Luiz Felipe Scolari, chamado, depois de quase uma década, para reassumir o cargo às vésperas da realização da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Com o retorno do treinador, um antigo debate ressurgiu no meio esportivo: *qual o significado da Seleção de Futebol para a Sociedade Brasileira?* O contexto atual é a base deste artigo que discute a relação entre performance da equipe, a estratégia dos meios de comunicação de massa, a figura do torcedor e a identidade nacional.

Palavras-chave: Copa do Mundo; Jornalismo Esportivo; Performance; Seleção Brasileira de Futebol.

Introdução

¹ Trabalho apresentado no *GT 4 Representação Social e Mediações Socioculturais* do VI Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, na categoria pós-graduação. UERJ, Rio de Janeiro, outubro de 2013.

² Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela UMESP, Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, Pós-Doutor em Comunicação pela UMinho (Portugal) e professor de Jornalismo na ECA/USP.

Até a Copa do Mundo de 1982, que foi disputada na Espanha, a imagem da Seleção Brasileira de Futebol esteve atrelada ao chamado *futebol-arte*, considerado um estilo de “(...) gran calidad basasa em la ejecución brillante de las jogadas” (RODRIGUES, 1993, p. 148). “Deuses, Monstro de 11 cabeças, mágicos, bruxos, exibição de arte, O Mundo fala Brasil” (REALI JÚNIOR, 1980) eram algumas das denominações atribuídas ao time nacional, comandado por Telê Santana, nos principais periódicos esportivos do mundo. As atuações naquele torneio da FIFA exaltavam o talento e a tradição do futebol brasileiro.

O *futebol-arte* simboliza muito mais que uma filosofia de jogo, mas principalmente a identidade de um povo. A tese era de que a sociedade brasileira se pautava pelo comportamento da Seleção de Futebol, como revelou o antropólogo Roberto Augusto DaMatta. “*O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, rebela-se, exhibe-se, deixando descobrir*”. (DAMATTA, 1990, p.109)

A performance da seleção brasileira é determinante ao público e, por conseguinte, à mídia. Quando a seleção brasileira joga bem (vence e convence), valoriza-se o *Ser Brasileiro*. “Jogar bem” significa – aos esportistas - ir ao ataque, permanecer com controle da bola, executar jogadas individuais e coletivas, valorizando o drible e a troca de passes objetiva (para frente), fazer poucas faltas, deixando também o outro time jogar como forma de fluir o jogo em busca de gols. O jornalista Armando Nogueira assim resumia o *futebol-arte*, estilo de jogo que é sinônimo de Brasil:

“O Futebol-arte é intuição. O Futebol-arte é invenção. O Futebol-arte é delicadeza no trato com a bola. O Futebol-arte é um drible, é um passe de calcanhar, é um drible inesperado, é uma finta, é um gol de voleio. Este é o Futebol-arte, é o requinte, é o refinamento do esporte. O esporte elevado à culminância da arte”. (NOGUEIRA, 1997, entrevista)

Tem-se o orgulho de fazer parte de uma sociedade criativa e vencedora. Muitos intelectuais ainda traçam esse modo de pensar o futebol como símbolo de uma cultura. Por isso, ainda existe a ideia de pátria, daqueles que se unem em busca de um objetivo, como analisou Roberto DaMatta :

“Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado pela indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas e burgueses, ele, não obstante, também orchestra elementos cívicos básicos, identidades nacionais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares”. (DAMATTA, 1994, p. 12)

Revelaram-se as expectativas diante de atitudes, as mesmas observadas nas atuações passadas das equipes e de alguns jogadores, desde de Arthur Friedenreich, nas primeiras décadas do Século XX, e, em especial, nas Copas do Mundo em que o Brasil se destacou, entre eles, as de 1938 (Leônidas da Silva), 1950 (Zizinho e Ademir Menezes), 1958 e 1962 (Nilton Santos, Didi, Garrincha e Pelé), 1970 (Pelé, Tostão e Rivellino), 1982 (Falcão, Sócrates e Zico). Foram jogadores que simbolizaram a virtude de quem *venceu e convenceu*. O auge seria no período entre as conquistas da primeira Copa do Mundo, na Suécia, em 1958, e a consagração do Tricampeonato Mundial, em 1970, no México. O jornalista Sandro Moreira assim retratava o significado do futebol para o povo brasileiro:

“De Friedenreich a Pelé, os arquivos do futebol brasileiro guardam nomes de craques inigualáveis, que com sua arte e engenho fanatizam multidões, arrancam risos e lágrimas, amor e ódio e dando até novas dimensões de grandeza ao seu povo e seu país”. (MOREIRA apud PEDROSA, 1968, p. 148)

A imagem de conquistas pelo talento perseguiu jogadores, treinadores, jornalistas e demais futebolistas, em particular, quem estivesse ligado à seleção brasileira de futebol. Nas últimas conquistas de Copa do Mundo, como as de 1994, nos Estados Unidos da América, e em 2002, no Japão e na Coreia do Sul, buscava-se encontrar resquícios de um tempo que já havia passado. A equipe já não jogava um futebol vistoso, expressando-se muito mais pela competitividade, o jogo em grupo, do que pelas características que a consagraram em décadas passadas. A figura do jogador estava atrelada ao sucesso profissional, em particular nos grandes clubes europeus, e não ao fato de sua performance em campo. Aos saudosistas sobravam os poucos craques em campo, como Romário e Bebeto (1994) e Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e Ronaldo Fenômeno (2002), como revelava Armando Nogueira:

“O futebol brasileiro a mim pouco importa que ganhe ou que perca. O futebol brasileiro tem e está provado que ele pode ganhar jogando bonito como ganhou em 58, como ganhou em 70. Então, a tese de que para ganhar precisa jogar feio, isto é uma tese espúria, estapafúrdia, que a mim não me convence. Eu sou favorável a que se preservem as características do futebol brasileiro, porque isto faz parte das impressões digitais da nossa cultura popular.” (NOGUEIRA, 1997, entrevista)

Crise na Seleção Brasileira de Futebol

Alguns fatores são fundamentais para uma análise da recente crise de identidade da seleção brasileira de futebol, sendo que entre os principais estão a exportação de jogadores, a convocação excessiva de atletas, a demora em definir a equipe titular, as denúncias contra dirigentes, jogos caça-níqueis e monopólio midiático:

A exportação de jogadores, com destaque para as transferências relacionadas ao futebol europeu: para chegar à seleção, a chance do atleta aumenta

se estiver jogando no exterior, ainda que seja em um clube sem expressão. Mesmo se atuar em um grande clube brasileiro, o jogador tem dificuldade de ser chamado pelos treinadores, principalmente em competições internacionais. O Corinthians, campeão do Mundial de clubes da FIFA em 2013, teve apenas um convocado para a Copa das Confederações, que foi realizada no Brasil, em 2013, o meio-campo Paulinho.

A convocação excessiva de atletas, sendo que muitos eram desconhecidos do grande público: treinadores como Dunga (2006-2010) e Mano Menezes (2010-2012) convocaram um grande número de atletas, sendo que muitos nunca tinham sido chamados enquanto atuavam no Brasil, sendo lembrados somente quando se transferiram para a Europa, mesmo em clubes de pouca expressão. O caso mais famoso foi o do centroavante Afonso, do desconhecido Heerenveen (Holanda), convocado por Dunga. Também é possível destacar a convocação de treinadores com pouca credibilidade diante do público, como foi o caso de Dunga – sem experiência anterior como treinador - e Mano Menezes - com poucas conquistas de expressão e sem destaque nas equipes comandadas. Apesar do apoio da opinião pública, sempre a desconfiança (da imprensa, dos torcedores e demais esportistas) permaneceu.

A demora em se definir o grupo de jogadores ou mesmo a equipe titular: por causa do interesse político e econômico nas convocações, muitos treinadores demoraram a definir o grupo de selecionáveis e a equipe titular, dificultando a identificação e memorização da equipe pelos torcedores.

As diversas denúncias contra os dirigentes: as acusações contra os últimos dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, sogro do ex-presidente da FIFA, João Havelange, e do conhecido político, José Maria Marin, atual presidente, criaram uma desconfiança diante da importância e dos interesses envolvendo a seleção Brasileira de Futebol.

O estilo de jogo baseado no futebol-força³: a equipe procura vencer a qualquer custo, sem se importar com as jogadas e, assim, com o espetáculo. Os

³ “*Estilo de juego basado en el desarrollo de una gran preparación física*” (CASTAÑON, 2003, p. 148)

jogadores atuam como se estivessem jogando pelo seu clube. O orgulho de atuar pela seleção brasileira de futebol passa a ser apenas profissional, não patriótico.

Jogos caça-níqueis no exterior: a equipe começa a atuar exageradamente em partidas amistosas no exterior, com poucas exibições no território nacional, dificultando ainda mais o interesse do público. Além disso, os jogos são considerados sem valor, apenas para o interesse dos dirigentes, que começam a cobrar altos valores pelas exibições, e da mídia, para transmissões das partidas.

Monopólio das transmissões pela Rede Globo de Televisão: a emissora começa a deter os direitos de transmissão da maioria dos jogos, assim como acontece com os clubes, cedendo ou dividindo esse direito apenas em alguns casos. Indiretamente e em virtude da popularidade e audiência do futebol, as outras emissoras e demais mídias (impresso, rádio, internet e outras) continuam a informar o público sobre as notícias do futebol, reforçando ainda mais o monopólio. Apesar da audiência ainda expressiva dos jogos transmitidos pela emissora, houve uma queda nos números. O excesso de jogos, a baixa qualidade das partidas e o surgimento de outras formas de lazer seriam hipóteses de um possível afastamento de uma parte do público⁴. Podem ser observadas outras hipóteses, como a aversão à emissora, a ausência de diversidade na transmissão e mesmo a cobertura superficial pelas equipes de jornalismo.

Recuperação da Seleção Brasileira de Futebol

O brasileiro é criativo, marcado por algumas características como a malandragem e o jeitinho (DAMATTA, 1986). Disto surge a ginga e a malícia do jogador brasileiro, ponto que o diferencia dos demais e o coloca como o melhor do mundo. Essas definições, como já observadas, dominaram o jornalismo esportivo e foram determinantes até 1982. A hipótese deste artigo é que essa definição foi transformada e hoje o brasileiro (e, portanto, a seleção nacional de futebol) possui

⁴ <http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/04/11/casagrande-diz-que-excesso-de-jogos-afasta-telespectadores-e-aprova-convidados/> Acesso em 04 de setembro de 2013

outros laços que o identifica. Alguns pontos são marcantes e merecem ser discutidos diante do cenário atual.

Ao reassumir o comando da Seleção Brasileira de Futebol, o técnico Luiz Felipe Scolari, conta ainda com o apoio de Carlos Alberto Parreira, treinador da Seleção Brasileira na conquista do Tetracampeonato Mundial nos Estados Unidos da América, em 1994, após 24 anos de jejum, e também do Mundial de 2006, na Alemanha, quando a equipe foi batida pela França, nas quartas de final. Nessa nova fase, já é perceptível a retomada de alguns valores que mudaram a trajetória da equipe nacional, como a contratação dos últimos treinadores campeões mundiais, no caso de Carlos Alberto Parreira (1994) e Luiz Felipe Scolari (2002). Os outros foram Vicente Ítalo Feola (1958), Aymoré Moreira (1962) e Maria Jorge Lobo Zagallo (1970). As contratações de Parreira e Scolari demonstram que a estratégia seria a da segurança e da retomada da imagem da vitoriosa da Seleção Brasileira.

A chegada de Felipão, como também é chamado pelos torcedores e pela imprensa especializada, revela ainda que seriam retomadas algumas estratégias que fizeram sucesso na campanha vitoriosa do pentacampeonato Mundial em 2002, na Coreia do Sul e no Japão. Porém, é essencial lembrar que, antes da implantação desse estilo, o treinador é obrigado a passar por um período difícil no início do trabalho, como a fase de teste para a montagem da equipe, que ocasionaram diversos resultados negativos e, assim, a desconfiança dos torcedores e da imprensa⁵. A proximidade Copa das Confederações, realizada no Brasil de 15 a 30 de junho de 2013, foi o estopim para a implantação das antigas medidas. A suposição é de que seria um plano de recuperação da imagem da Seleção Brasileira de Futebol, organizada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), os patrocinadores e a mídia que controla o futebol nacional. Uma velha fórmula consiste numa estratégia simples, baseada em alguns pontos:

(1) **Família Felipão:** Luiz Felipe Scolari é o chefe supremo, que possui o controle e transmite segurança aos jogadores. Ele é o "pai" que determina as sanções

⁵ <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/03/selecao-aumenta-jejum-e-felipao-igual-retrospecto-ruim-de-parreira.html>. Acesso em 05 de setembro de 2013

por meio das convocações e das escalações, agindo com severidade, como fez ao deixar o atacante Romário, jogador mais badalado da época, de fora da lista para a Copa de 2002, ou mesmo a ausência de Ronaldinho Gaúcho, em destaque como atleta do Atlético Mineiro, da lista de convocados para a Copa das Confederações de 2013;

(2) **Camisa 10:** Coloca Neymar Jr. como camisa 10, a mesma eternizada por craques como Pelé, Rivelino, Zico, entre outros. A atitude fortalece a imagem do principal jogador da equipe.

(3) **Time titular:** Define a equipe titular, sem ficar mudando o time durante a Copa das Confederações, evitando a estratégia do seu antecessor, Mano Menezes, ou mesmo durante o período de testes da equipe atual. A formação foi composta por Julio César; Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz e Marcelo; Luiz Gustavo, Paulinho e Oscar; Hulk, Neymar Jr e Fred.

(4) **Ídolos:** mescla jogadores que atuam no exterior com craques consagrados no território nacional e vindos de clubes com bons resultados, como é o caso de Paulinho (Campeão Mundial pelo Corinthians); Fred (Campeão Brasileiro pelo Fluminense) e Neymar (destaque do Campeonato Brasileiro e xodó da imprensa esportiva e da torcida), como titulares, e Jô e Bernard (Atlético Mineiro, finalista na época e depois Campeão da Taça Libertadores da América), como reservas que sempre entravam durante as partidas. Paulinho e Neymar Jr já estavam negociados com o mercado europeu, mesmo antes da Copa das Confederações, respectivamente para Tottenham (Inglaterra) e Barcelona (Espanha), sendo que Bernard se transferiu para o Shakhtar Donetsk (Ucrânia).

(5) **Torcida:** começa a realizar amistosos no Brasil antes da Copa das Confederações, evitando jogos no exterior e, assim, aproxima a equipe do torcedor. Recebe críticas após os dois primeiros resultados, com empates contra Chile (Belo Horizonte) e Inglaterra (Rio de Janeiro), ambos por dois a dois. Porém, o excelente resultado no último jogo antes da estréia na Copa das Confederações - vitória de três a

zero, sobre a França, em Porto Alegre - fortalece a equipe para o início da competição⁶, aumentando o interesse pela competição⁷.

Considerações Finais

O importante deste artigo foi o de revelar que a performance da seleção de futebol masculino é determinada, por um lado, por estratégias de comunicação com o público e, por outro, com a transformação da própria sociedade brasileira. O principal motivo é a mudança de comportamento do *Ser Brasileiro*, antes visto com um sujeito identificado pela ingenuidade, malandragem, cheio de ginga, que se virava por meio da criatividade ou do famoso "jeitinho", tendo os jogadores de futebol como símbolo desta ideia que, pelo patriotismo, defendiam a pátria a qualquer custo. Agora, o *Ser Brasileiro* é o indivíduo maduro, de sucesso, consumista e midiático, com os jogadores a se identificar com esta performance, ou seja, daquele que procura agradar mais fora do que dentro de campo e, por ser profissional, defende a seleção brasileira da mesma forma que em seu clube.

O futebol passa a representar a sociedade brasileira, agora vista como emergente e em busca de organização, de sucesso econômico e social, tendo o núcleo familiar como eixo deste planejamento, com Felipão a ser o exemplo desta mudança. Um fator, porém, criou um laço entre as duas perspectivas: as Manifestações Sociais ocorridas no Brasil em 2013.

A crítica da população aos excessivos gastos públicos (entre elas, a Copa do Mundo do Brasil em 2014) e ao descaso dos políticos para com o País (como no caso da educação, da saúde, da segurança e, no caso, do transporte) revelaram traços culturais que estavam perdidos, entre eles, a identidade nacional. “*Um grito por mudança*”, como destacou a pesquisadora Cicília Maria Krohling Peruzzo (2013). Foi assim que a equipe tupiniquim começou a resgatar o brio das grandes equipes,

⁶ <http://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRSPE95801V20130609> Acesso em 5 de setembro de 2013

⁷ <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/copa-das-confederacoes-2013-bate-recorde-de-audiencia,cb6e18129e5af310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> Acesso em 5 de setembro de 2013

com os jogadores a defender a seleção (país) acima do profissionalismo. O sentimento das ruas contagia a equipe que, assim, começa a ganhar confiança, culminando com a brilhante vitória de três a zero, contra uma Espanha cansada e dominada, na final da Copa das Confederações.

A conquista revela um Brasil que dá certo. Um país amadurecido, não mais ingênuo diante da politicagem que contamina o país, onde o trabalhador é aquele que luta por suas conquistas, assim como fizeram os jogadores comandados por Felipão. Talvez uma estratégia de mídia, mas conduzida por uma mudança de comportamento social, com resquícios da tradição que consagrou o futebol brasileiro. Eis o significado da *Seleção de Futebol para a sociedade brasileira*.

Referências

CASTAÑON RODRÍGUEZ, Jesus. *El Lenguaje Periodístico del Fútbol*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, Universidad, D.L. 1993.

DAMATTA, Roberto Augusto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Koogan, 1990.

_____. *Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado social do futebol*. In REVISTA USP: *Dossiê Futebol*, São Paulo: Edusp, 1994.

DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. São Paulo: Makros Books. 1994.

NOGUEIRA, Armando. *Na Grande Área*. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1966.

PEDROSA, Milton. *Gol de Letra: o Futebol na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

TÁVOLA, Artur da. *Comunicação é Mito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Periódicos

O ESTADO DE S. PAULO. *A Copa no Mundo*. In *O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 07 de jun. de 1982.

_____ *A Copa no Mundo*. In *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 de jul. de 1982.

JÚNIOR, Reali. *Futebol brasileiro volta a ser respeitado na Europa*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 05 de jan. de 1993.

Conferência

PERUZZO, Cicília. *Movimentos Sociais, Comunicação Comunitária e Mídia Alternativa: permanências e reelaborações em tempos de redes virtuais*. Conferência de Abertura da IV Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP, 23 de agosto de 2013.

Entrevista

NOGUEIRA, Armando. *Entrevista*. IN MALULY, Luciano Victor Barros. *O Futebol-Arte de Telê Santana no Jornalismo Esportivo de Armando Nogueira*. São Bernardo do Campo: Metodista, 1997. Disponível em www.eca.usp.br/radiojornalismo

Internet

CANÔNICO, Leandro & IANACCA, Márcio. *Seleção aumenta jejum e Felipão iguala retrospecto ruim de Parreira*. Londres: globoesporte.globo.com, 26 de março de 2013. Disponível em:

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/03/selecao-aumenta-jejum-e-felipao-igual-a-retrospecto-ruim-de-parreira.html>. Acesso em 05 de setembro de 2013

VICONECO

UERJ2013

CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

VI Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação – UERJ | UFF | UFRJ | PUC-RIO | Fiocruz
Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro. 23 a 25 de outubro de 2013.

DE LAURENTIIS, Francisco. *Casagrande diz que excesso de jogos afasta telespectadores e aprova convidados*. UOL Esportes, 11 de abril de 2013. Disponível em:

<http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/04/11/casagrande-diz-que-excesso-de-jogos-afasta-telespectadores-e-aprova-convidados/> Acesso em 04 de setembro de 2013

REUTERS BRASIL. *Equipe ainda está sendo montada, diz Felipão após vitória*. 09 de julho de 2013. Disponível em:

<http://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRSP95801V20130609> Acesso em 5 de setembro de 2013

TERRA NA COPA. *Copa das Confederações 2013 bate recorde de audiência*. Portal Terra, 04 de julho de 2013. Disponível em:

<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/copa-das-confederacoes-2013-bate-recorde-de-audiencia,c6e18129e5af310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>
Acesso em 5 de setembro de 2013